

Dentre as mais expressivas manifestações da arquitetura modernista em Porto Alegre estão os campi da Universidade Federal. Entende-se por arquitetura modernista no presente contexto aquela que emerge entre nós nos anos 40, trazendo a leveza das formas geométricas repousando sobre o pilotis, a transparência das paredes de vidro, a continuidade espacial de interior e exterior, as curvas suaves e o pé de palito. Tanto o Campus Centro quanto o assim chamado Campus da Saúde são, em boa parte, produto desse tempo. Edifícios como a Reitoria, as Faculdades de Arquitetura e Engenharia, o Hospital de Clínicas e as Faculdades de Farmácia e Odonto são exemplares representativos desse período, pode-se dizer áureo, da arquitetura brasileira.

Estranhamente, em recente inventário dos assim denominados prédios históricos da Universidade, essas edificações não foram incluídas. Tampouco foram incluídos os exemplares do protomodernismo, Faculdades de Filosofia e Economia. Seria esse conjunto de edifícios de fato destituído de valor histórico, a ponto de ser literalmente apagado da perspectiva que ilustra e divulga o referido inventário? Na mão contrária, os edifícios incluídos no referido inventário pertencem em sua maioria ao período eclético, um período arquitetonicamente semelhante ao atual, ou seja, da mais absoluta desorientação estilística.

Mais recentemente, a desconsideração por esse acervo arquitetônico modernista tem se agravado. Duas intervenções recentes ilustram esse ponto: o novo prédio da Faculdade de Medicina e a nova fachada leste da Faculdade de Arquitetura. Localizada em contexto fortemente marcado pela arquitetura do movimento moderno, a nova Faculdade de Medicina introduz ali um modo arquitetônico no mínimo exótico. O modo de implantação das edificações no Campus da Saúde é regrado pela busca da melhor insolação, critério de base dentro da doutrina do movimento moderno. A busca da melhor orientação faz com que a monumental barra do Hospital de Clínicas se posicione de modo diagonal com relação ao perímetro do quarteirão. Esse modo aparentemente extravagante de se relacionar com o contexto arquitetônico circundante - no qual as edificações seguem em geral o alinhamento dado pelas ruas do entorno - converte-se ao longo dos anos em regra, através de sua confirmação por grande parte dos edifícios posteriormente implantados, dentre os quais as Faculdades de Odontologia e o Centro de Processamento de Dados. Outra característica nitidamente modernista do desenho urbano do campus da saúde é a freqüente busca de transparência no plano do térreo, através da sistemática utilização de pilotis, paredes de vidro e jardins que buscam explicitar a continuidade visual e de acesso entre interiores e exterior. Daí decorre a aparência de leveza dessa arquitetura que teima em se descolar do solo.

Ao contrário das edificações pré-existentes, que buscam parecer 'soltas' no espaço, a nova Faculdade de Medicina introduz no território modernista do Campus da Saúde uma arquitetura pesada e opaca. O caráter de massa é sobretudo enfatizado na pretensa espessura da fachada principal decorrente do acentuada recuo das aberturas com relação ao plano de fachada. O edifício nasce compacto desde o solo e longitudinalmente acomoda-se à

# Patrimônio Modernista

# opinião I

DOUGLAS AGUIAR

A antiga e a nova Medicina.



esquina ao modo da cidade tradicional. Há aí, ao que parece, a intenção de referir ou homenagear a Faculdade de Medicina antiga. A situação urbana é, no entanto, distinta e o novo edifício resulta apartado da calçada por um recúo ajardinado e pelas grades que circundam o perímetro do campus. O quadro é estranho. Esquinas são por definição a acentuação de uma condição especial, distinta dentro da repetitividade natural dos parcelamentos urbanos. Não é esse o caso da nova medicina. Ao contrário, temos ali materializado uma espécie de paradoxo arquitetônico onde um edifício isolado, circundado por outros edifícios isolados, assume, descontextualizado, a forma explícita de uma esquina.

Nessa mesma linha, a nova fachada leste da Faculdade de Arquitetura é igualmente exótica. A solução adotada radicaliza o contraste e abre espaço para um interessante debate a respeito do estilo em arquitetura e em particular sobre o tema da colagem, um tema que nos últimos vinte anos vem sendo motivo de reiteradas teorizações e inspiração na prática arquitetônica dita pós-modernista. A colagem em arquitetura tem na cidade seu paradigma maior. A cidade ocidental em especial é em geral, por sua natureza de artefato construído coletivamente ao longo do tempo, uma colagem de estilos arquitetônicos de diferentes procedências e períodos. O campus central da Universidade Federal é emblemático nesse aspecto. Nele convive um século de cultura arquitetônica; são edifícios neo-clássicos, ecléticos, protomodernistas e modernistas de diferentes períodos. A nova fachada da Faculdade de Arquitetura, no entanto, introduz um componente inédito nessa temática. Trata-se da colagem de diferentes estilos em uma mesma edificação. O edifício da Faculdade de Arquitetura é, pode-se dizer, um tradicional edifício modernista. Construído nos anos 50, é essencialmente marcado pela horizontalidade. As fachadas têm superfície contínua interrompida apenas pelo recorte das longas janelas típicas da arquitetura dos trens e dos navios, imagem que é confirmada na fachada principal pela leve curvatura superior do volume de base.

Nesse contexto, essencialmente modernista, a nova fachada leste é de fato surpreendente. Deixada por décadas ao acaso, esperando por uma ampliação que jamais ocorreu, essa fachada, quase residual, ganhou recentemente uma espécie de máscara absolutamente contrastante com o restante do edifício. A nova fachada, ao contrário das demais, é verticalizada. Volumosas pilastras conformam uma pesada modulação de saliências e reentrâncias. O jogo de volumes reproduz o conhecido, e gasto, jargão da arquitetura comercial anos oitenta. A elegante horizontalidade da fenestração do original é substituída por aberturas sem qualquer referência no edifício existente.

Pior que tudo é tratar-se do próprio edifício da Faculdade de Arquitetura, onde se ensina, confirmam os rankings, um fazer arquitetônico de alta qualidade. Talvez, para alguns, o argumento seja fútil e fora de sintonia com necessidades mais prementes do nosso tempo. Fica, no entanto, esse registro e a crença na sobrevivência da arquitetura.

No detalhe, a nova e, abaixo, a antiga Arquitetura.

